

CALAMIDADE NO RS

Novo Hamburgo Conserto do dique deve ser concluído nesta semana

Débora Ertel

debora.ertel@gruposinos.com.br

Continua a operação de conserto emergencial no dique que protege a Vila Palmeira, no bairro Santo Afonso, em Novo Hamburgo, e a Vila Brás, no bairro Santos Dumont, em São Leopoldo.

As obras, realizadas pela prefeitura leopoldense, tinham adentrado 25 metros do Arroio Gauchinho durante a manhã desta terça-feira (14), montando uma estrutura provisória de rachões, uma espécie de muro de pedras.

A contenção se rompeu em 4 de maio, quando o nível do Rio dos Sinos chegou a 9,73 metros e abriu um buraco de aproximadamente 40 metros de extensão no lado que pertence a São Leopoldo, mas bem ao lado da casa de bombas do Arroio Gauchinho, em Novo Hamburgo.

Os caminhões que trazem as pedras usadas na contenção chegam até a região do dique pela Rua Manágua, no bairro Santo Afonso.

A expectativa da Prefeitura de São Leopoldo é concluir a intervenção entre quinta (16) e sexta-feira

(17) desta semana. Como a expectativa era que o rio parasse de subir nas próximas horas, as equipes acreditavam que não haveria interferência no desenvolvimento do serviço.

Outro desafio

Paralelo ao conserto do dique, a casa de bombas do bairro Santo Afonso, que pertence a Novo Hamburgo, também sofreu danos e está fora de funcionamento desde 5 de maio, o que impede o fim da inundação nesta região, mesmo que o nível do Rio dos Sinos baixe. A casa conta com sete bombas, e é responsável por sugar a água da bacia de contenção do Arroio Gauchinho para o Sinos.

As obras emergenciais são acompanhadas pelo Ministério Público, que intermediou reunião entre as duas prefeituras no fim de semana, para definir ações.

Reunião

Após parecer do Ministério Público (MP), que apontou que cada município responde pelas eventuais medidas adotadas e que possam representar danos ou riscos aos munícipes ou ao dique, ontem a prefeitura de Novo Hamburgo, Fa-

tima Daudt, reuniu representantes de entidades de engenharia e arquitetura e empresariais para detalhar a situação do bairro Santo Afonso.

Baseada na análise feita pelos especialistas do Instituto Militar de Engenharia (IME), a prefeita externou a preocupação sobre a circulação de carga sobre o dique no perímetro de Novo Hamburgo.



DIVULGAÇÃO/PMSL

abc+
Para mais notícias acesse
abcm.com

Obras emergenciais ficam no limite entre as duas cidades

tima Daudt, reuniu representantes de entidades de engenharia e arquitetura e empresariais para detalhar a situação do bairro Santo Afonso.

Baseada na análise feita pelos especialistas do Instituto Militar de Engenharia (IME), a prefeita externou a preocupação sobre a circulação de carga sobre o dique no perímetro de Novo Hamburgo.

Técnicos da prefeitura apresentaram as medidas emergenciais necessárias para tirar as águas represadas no bairro, o que inclui a contratação de bombas flutuantes, geradores, combustíveis e tubos PEAD para transpor a água sobre

o dique até o rio. Os custos para implantação da estrutura emergencial giram em torno de R\$ 4 milhões, além de outros R\$ 2 milhões mensais enquanto a operação estiver em andamento. Fátima lembrou que os cofres municipais não dispõem destes recursos necessários e enfatizou que já está em intensas tratativas e articulações junto ao governo federal em busca de investimentos para estas medidas emergenciais.

A isso ainda se somam os investimentos necessários para retomada da casa de bombas, com a retirada dos motores das bombas para secagem, além de reforma do sistema elétrico.

Demora na retirada de entulhos gera reclamação

A quantidade de entulhos em frente de casas, no bairro Canudos, preocupa moradores afetados pelas cheias. Ontem, a prefeitura informou que há oito equipes trabalhando, dependendo do dia, e a prioridade é nos pontos em que Rio dos Sinos não atingiu com o novo registro de aumento do nível nas últimas horas.

Nesta terça, equipes estiveram nos bairros Santo Afonso, Industrial, Canudos e Vila das Flores e esse trabalho de limpeza nos bairros atingidos continuará nas próximas semanas. A prefeitura acrescenta que há um ponto de transbordo (descarte)

na Rua Costa e Silva, no bairro Canudos, para onde são levados os descartes. "Nesse local, as pessoas também poderão levar móveis, eletrodomésticos, entre outros itens que não poderão mais ser utilizados", informa a prefeitura.

A industriária Jucelina de Fatima Camargo, 52, registrou como está a rua onde mora, a Jumbo. Ela contou que na primeira enchente, o primeiro andar onde mora com seu marido foi atingido e alcançou parte da casa do filho, no andar de cima.

Todos saíram de casa e no sábado (11) retornaram porque as águas haviam baixado. Em frente de sua casa depositou cama



ARQUIVO PESSOAL

Moradores da Rua Jumbo em Canudos registram a situação

e roupeiro da sua neta, balcão de pia e cômoda de seu quarto. Ainda estão lá. Na segunda (13) pela manhã, quando a industriária saiu para trabalhar, a rua estava transitável com os entulhos em frente à casa. Porém, ao meio-dia, as águas voltaram a subir e o lixo

não havia sido recolhido ainda pela prefeitura. Ontem era possível ver sofás, colchões e outros móveis boiando. "Esse lixo já poderia ser retirado na semana passada. A prefeitura deveria começar a limpeza de baixo para cima, porque aqui que logo alaga", disse.



LAURA ROLIM/GES-ESPECIAL

Jurema Steyer, 78, aproveitou o sol para lavar roupas

Dia de sol contrasta com novo avanço das águas

A chuva deu uma trégua e o sol voltou a aparecer ontem. Com isso, moradores do bairro Santo Afonso aproveitaram para continuar a limpeza das casas atingidas pela enchente. Na frente das residências, o que mais se vê são móveis e objetos espalhados pelas calçadas. Já nos pátios, o que não falta são roupas estendidas no varal.

A vinda do sol animou a aposentada Jurema Steyer, 78, que perdeu tudo com a enchente e agora tenta se organizar para limpar tudo. "A gente não sabe nem por onde começar. Já lavei máquinas e máquinas de roupa. Ainda bem que tenho saúde", diz.

Secar

Já a auxiliar de limpeza Rosemeri Rodrigues, 51, estendeu as roupas da família até na cerca da casa onde está para aproveitar bem o espaço. "Tem roupa de três famílias aqui. Com tanta chuva, a gente lava e não seca. Fomos obrigados a estender aqui mesmo", afirma.

Apesar de tudo, ela agradece por estar em segurança. "Agradeço a Deus pela vida. É triste,

porque suamos para conseguir o que tínhamos. Mas Deus dá, e ele também tira", lamenta.

Água volta a alagar ruas

No bairro, a influência do repique da cheia do Sinos já pode ser vista. Mesmo sem chover, diversos pontos que já estavam secos voltaram a ficar alagados, como a Rua Laz Paz e Avenida Montevideo.

O nível do Rio dos Sinos atingiu os 8,05 metros às 15 horas de ontem. A medição mais alta foi registrada no dia 4 de maio: 9,73 metros.

Os novos alagamentos deixaram o morador Waldomiro Kuhn, 70, e a esposa, Olívia Kuhn, 67, preocupados. Já são 11 dias fora de casa e uma ansiedade que só aumenta. "A gente vem todos os dias, umas duas vezes, para acompanhar as águas. Estamos torcendo para que o pessoal termine de fechar o dique", diz Kuhn.

A água chegou até o telhado da residência do casal e até agora não foi possível acessá-la. "Estamos ansiosos para voltar para casa e voltar a trabalhar. Não vemos a hora", reforça Olívia. (Laura Rolim)



LAURA ROLIM/GES-ESPECIAL

Casal olha aflito o novo avanço da água na Santo Afonso